

RELATÓRIO GERENCIAL JUL|2025

**SNAG11**

SUNO AGRO - FIAGRO IMOBILIÁRIO

CNPJ

28.152.777/0001-90

INÍCIO DO FUNDO

JULHO/2022

ADMINISTRADOR

SINGULARE CORRETORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS S.A.

PÚBLICO-ALVO

INVESTIDORES EM GERAL

GESTOR

SUNO GESTORA DE RECURSOS LTDA

TAXA DE ADMINISTRAÇÃO

0,07% A.A.

TAXA DE GESTÃO

0,80% A.A.

TAXA DE PERFORMANCE

N/A

SUNO AGRO | FIAGRO IMOBILIÁRIO

O Suno Agro - Fiagro Imobiliário é um fundo com objetivo de investir de modo amplo nas cadeias do Agronegócio, explorando tanto atividades de natureza imobiliária como aquelas relacionadas à produção do setor. O fundo tem gestão ativa para busca de oportunidades e alocação da carteira, com foco no pagamento de rendimentos mensais aos cotistas.

SUMÁRIO

SUMÁRIO 2

BULLET POINTS 3

DESTAQUES DO MÊS 3

CENÁRIO MACROECONÔMICO 3

CARTA DO GESTOR 5

PERFORMANCE/DESEMPENHO 22

RESULTADO 25

ALOCAÇÕES E MOVIMENTAÇÕES 27

AValiação DE RISCO DE CRÉDITO E ESG 32

ASSEMBLEIAS E COMUNICADOS DOS ATIVOS 27

DETALHAMENTO DOS ATIVOS 33

BULLET POINTS

R\$ 0,11

Distribuição por cota

R\$ 0,084

Lucro acumulado por cota

14,49%

Dividend Yield Anualizado

17,91%

Yield All In da Carteira

R\$ 9,64

Cota Fechamento de Mercado

R\$ 10,32

Cota Patrimonial

114.557

Número de cotistas

R\$ 626,70 MM

Patrimônio Líquido

R\$ 585,54 MM

Valor de Mercado

0,93

P/VP

CDI + 2,62%

Remuneração da Carteira

0,00%

Inadimplência

DESTAQUES DO MÊS

Em julho, a carteira do fundo manteve-se **saudável**, com todos os ativos adimplentes e **sem indicar riscos relevantes no curto prazo**.

Alcançamos um novo recorde no número de investidores, **superando a marca de 114.500**. No mesmo período, mantivemos o patamar de distribuição, com pagamento de **R\$ 0,11 por cota**, o que corresponde a um **dividend yield anualizado de 14,49%**.

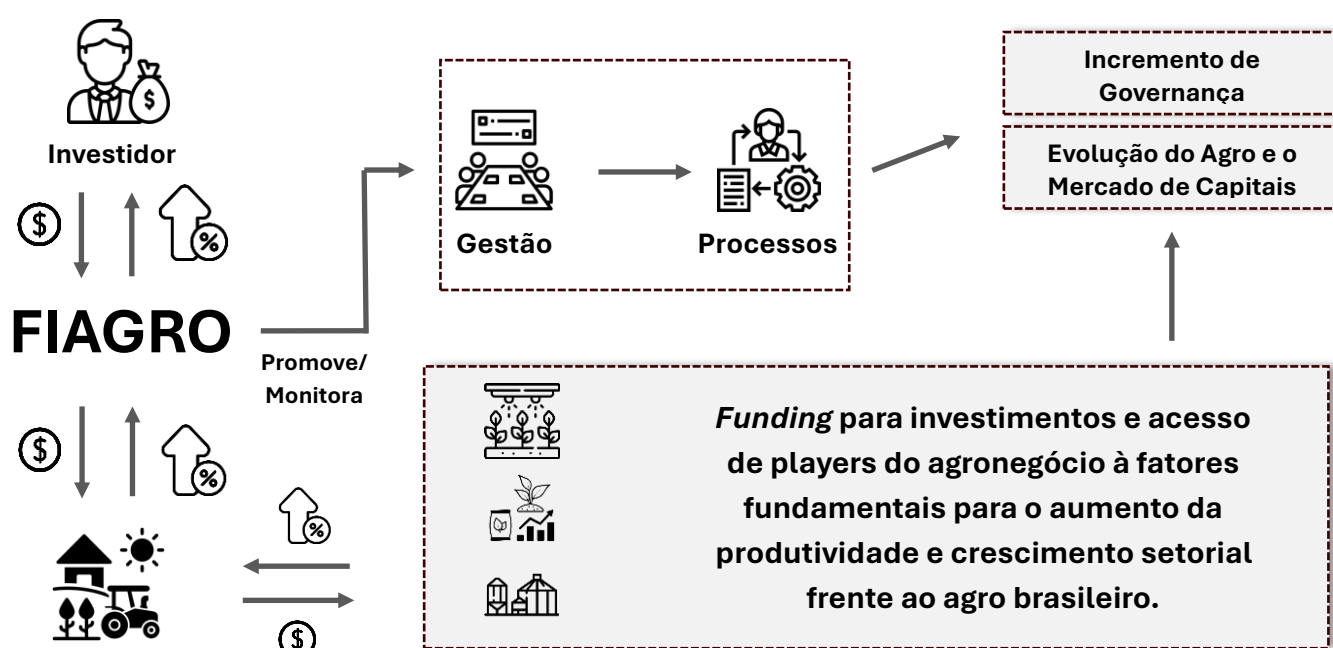
Realizamos a venda de aproximadamente R\$ 1,0 milhão do CRA Boa Safra, **acumulando um total de R\$ 3,6 milhões negociados nos últimos meses**. Esse movimento está alinhado à **estratégia de ampliar a liquidez para novas alocações**, contribuindo para a diversificação da carteira e, consequentemente, para **a geração de valor ao cotista**.

Na carta de gestão, traremos também uma análise sobre as **recentes taxações impostas pelos Estados Unidos às exportações brasileiras**, destacando **seus impactos e paralelos com os setores em que o fundo investe**

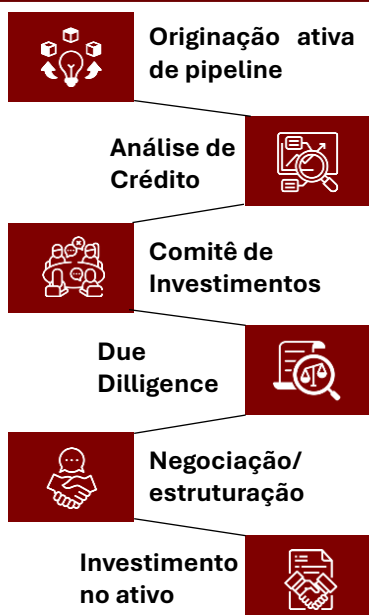
TESE DE INVESTIMENTOS

O SNAG11, **como um dos primeiros FIAGROs híbridos da indústria**, foi desenhado para financiar um dos principais motores da economia brasileira, com **estruturas e produtos que alinhassem retorno e segurança ao cotista**. Com isso, o fundo se consolida como uma das opções mais resilientes da indústria, **com performance histórica acima de seu principal benchmark, IPCA + 7%**. O fundo oferece ao investidor a oportunidade de **alocar parte de seu patrimônio em uma carteira diversificada e gerida ativamente** para buscar **oportunidades de alocação com rendimentos mensais previsíveis e pouco voláteis**, com um dos menores custos da indústria.

Ciclo de Investimentos do SNAG11 e sua atuação dentro do Agronegócio

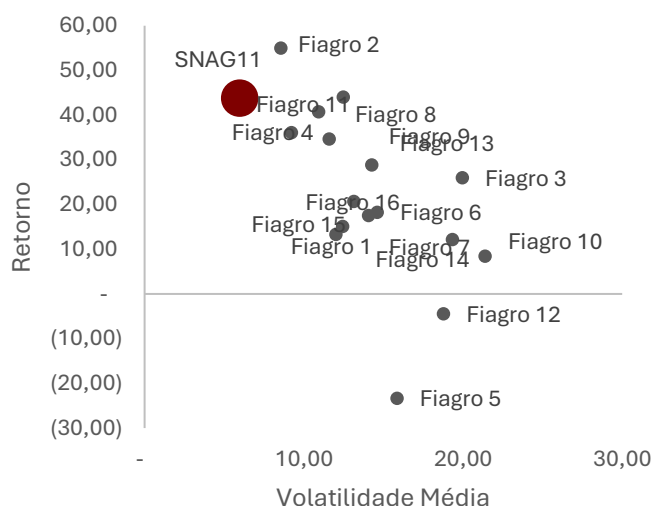


Processo de investimentos



Foco na maximização de retorno ao cotista

Retorno x Volatilidade Média SNAG11 x Peers (ago/22 a Jul/25)



CENÁRIO MACROECONÔMICO

Quando Falta Direção, Sobra Volatilidade

Em seu livro *Calma sob Pressão*, o ex-presidente do Banco Central do Brasil e ex-ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, afirma:

“O episódio [projeto de incentivo à indústria automotiva em SP] reforça um dos princípios da economia real, a expectativa. A expectativa tem um papel extremamente relevante não só na inflação, mas também no investimento. Quando um governante mostra aonde quer chegar de forma clara e direta, sem titubeios, sem enrolação, sem usar o cargo apenas para ter vantagens políticas, ele gera confiança nos agentes econômicos.”

As palavras de Meirelles ecoam com força no atual momento da economia global e brasileira. **Julho foi um mês marcado por uma escalada de incertezas, ruídos políticos e choques que deterioraram a percepção de risco dos investidores e afetaram diretamente as expectativas dos agentes econômicos. Na direção oposta da frase de Meirelles.**

De um lado, assistimos aos Estados Unidos (EUA) ampliarem os anúncios de elevação de tarifas contra diversos países, impactando diretamente parceiros comerciais como o Brasil. No entanto, ao longo do mês, também vimos uma sucessão de acordos sendo firmados, num movimento que contrastou com a retórica inicial mais forte e ajudou a aliviar parte das tensões globais.

De outro lado, no cenário doméstico, acumulam-se episódios que colocaram em xeque a condução da política fiscal, como a crise em torno do IOF, e as tentativas do governo brasileiro de estabelecer um canal de diálogo com a Casa Branca para reverter ou mitigar os efeitos da tarifa de 50% anunciada sobre todos os produtos exportados pelo Brasil.

Não por acaso, os ativos brasileiros voltaram a registrar forte volatilidade ao longo de julho. Após um período de recuperação, tanto o Ibovespa quanto o IFIX inverteram a tendência e fecharam o mês em queda, com recuos de 4,17% e 1,36%, respectivamente.

Enquanto isso, as bolsas norte-americanas mostraram desempenho expressivo, impulsionadas pela redução do pessimismo em relação à guerra comercial e pelo impacto positivo dos resultados corporativos do 2T25, especialmente no setor de tecnologia, que superaram as expectativas e reanimaram o apetite por risco dos investidores globais.

Todos os valores estão destacados na tabela a seguir.

Desempenho das Bolsas ao redor do Mundo

Bolsas					
	Índice	Último	Mês	12 meses	Acum. Ano
	MSCI World	4.076,04	1,23%	15,98%	9,93%
	S&P 500	6.339,39	2,17%	16,61%	7,78%
	NASDAQ	21.122,45	3,70%	23,18%	9,38%
	FTSE 100	9.132,81	4,24%	10,37%	11,74%
	Euro Stoxx 600	546,11	0,88%	6,23%	7,58%
	Merval	2.319.510,00	16,28%	64,28%	-8,45%
	Ibovespa (BRL)	133.071,10	-4,17%	5,50%	10,63%
	Ibovespa (USD)	24.059,50	-5,88%	7,04%	23,57%
	USD/BRL	5,60	2,66%	-1,06%	-9,53%
	IFIX	3.436,38	-1,36%	2,32%	10,27%

Fonte: Refinitiv / Elaboração: Suno Asset

Cenário Internacional

No início de julho, terminou o período de 90 dias de suspensão tarifária, que havia estabelecido uma alíquota padrão de 10% para a maioria dos parceiros comerciais — com exceção da China. Em seguida, o presidente Donald Trump cumpriu a promessa de anunciar a elevação das alíquotas de importação sobre produtos de diversos países, reacendendo as tensões no comércio global.

Trump enviou uma série de cartas a seus principais parceiros comerciais. As tarifas variavam de acordo com o país: 25% para produtos vindos da Coreia do Sul e do Japão, 30% para o México e para a União Europeia, e um duro aumento de 50% para todas as exportações brasileiras. Todas essas medidas estavam programadas para entrar em vigor no início de agosto.

Entretanto, boas notícias começaram a surgir. Diversos acordos foram anunciados, com destaque para a redução para 15% sobre produtos vindos do Japão, da União Europeia e da Coreia do Sul – elas entrarão em vigor a partir de 06/08. Além disso, a China e EUA se encontraram em Estocolmo, na Suécia, e estão na iminência de estender o acordo firmado em 11/05, que vence em 12/08. Esses avanços ajudaram a conter parte das tensões e devolveram algum alívio aos ativos globais.

Os acordos incluíram, ainda, compromissos expressivos de investimentos bilionários em solo norte-americano por parte de países como Japão, União Europeia e Coreia do Sul. A soma supera US\$ 1,5 trilhão ao longo dos próximos anos. Nós interpretamos essa questão sob duas óticas.

Por um lado, representa uma vitória estratégica para o governo de Donald Trump. Esses recursos devem ser direcionados a setores-chave da economia americana, com potencial para impulsionar o crescimento, estimular a criação de empregos e fortalecer sua base eleitoral.

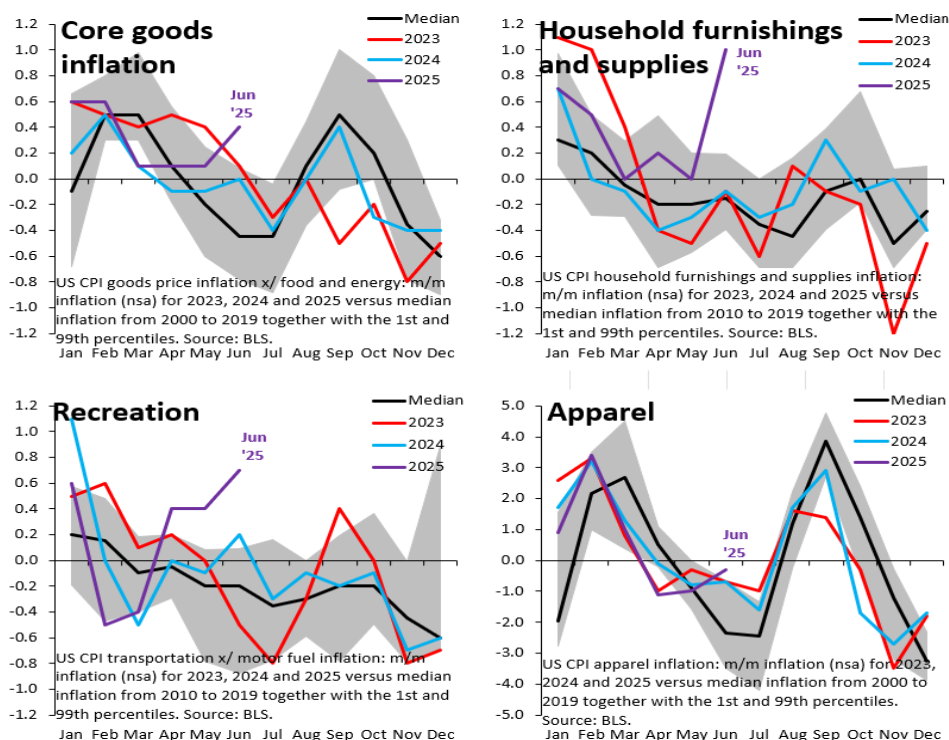
Por outro lado, há uma leitura mais cautelosa: os países que fecharam acordos expressivos com os EUA parecem buscar uma forma de mitigar efeitos econômicos negativos no curto prazo com promessas de investimentos de longo prazo, cuja execução concreta ainda depende de fatores políticos e institucionais. Vale lembrar que, Trump tem um horizonte limitado de apenas quatro anos de governo, o que levanta dúvidas sobre a continuidade e a efetividade real desses compromissos no longo prazo.

Enquanto as tensões político-econômicas dominavam os noticiários, o mercado acompanhava de perto os dados da economia norte-americana, atento, sobretudo, aos possíveis impactos das tarifas sobre a inflação e às pistas sobre os próximos passos da política monetária.

Em junho, Índice de Preços ao Consumidor (CPI) subiu 0,3% em junho, acumulando alta de 2,7% em 12 meses, acima dos 2,4% registrados em maio. Já o núcleo do CPI, que exclui itens mais voláteis como energia e alimentos, avançou 0,2% no mês, com a taxa anual passando de 2,8% para 2,9%.

Embora os dados tenham vindo em linha com as expectativas, os preços de bens — especialmente móveis e artigos domésticos, eletrodomésticos, itens recreativos e vestuário — já começam a refletir os efeitos das novas tarifas comerciais. Como mostra o gráfico a seguir, as variações observadas em junho superam com folga os padrões sazonais dos últimos anos.

CPI de Bens - Variação Mensal (%)



Fonte: Robin J Brooks e BLS

O presidente do Fed, Jerome Powell, reconheceu que as tarifas exerceram pressão sobre alguns bens, embora o impacto mais amplo ainda seja incerto: “Acho que temos ainda um longo caminho à frente para saber como ficaremos com os impactos das tarifas”.

Com o esgotamento dos estoques isentos dessas tarifas, a tendência é de que essa pressão sobre o CPI aumente nos próximos meses.

Diante desse cenário de incertezas e de uma inflação que ainda não apresentou sinais consistentes de convergência para a meta de 2,0%, o Comitê Federal de Mercado Aberto (FOMC) decidiu, ao final de julho, manter a taxa de juros no intervalo atual, entre 4,25% a.a. e 4,50% a.a. — decisão que veio em linha com as nossas expectativas.

A primeira novidade desta reunião foi o voto dissidente de dois diretores do Fed, Christopher J. Waller e Michelle W. Bowman, ambos nomeados durante o primeiro mandato de Donald Trump, que prefeririam uma redução dos juros em 0,25 p.p.

Apesar de terem sido escolhidos por Trump, que vem pressionando o banco central para reduzir o patamar restritivo da política monetária, não vemos sinais de interferência política por parte do Executivo, nem expectativa de demissão do atual presidente do Fed, Jerome Powell.

A principal incerteza no médio prazo gira em torno de sua sucessão. Powell deve permanecer no cargo até maio de 2026, mas o governo já sinalizou que a indicação do novo nome tende a ocorrer até o fim de 2025 — fora do padrão histórico — o que pode gerar ruídos sobre as próximas decisões de política monetária.

Na entrevista após a decisão, o presidente do Fed destacou que a atual postura da política monetária é adequada e oferece flexibilidade para reagir a novos dados. Ele também indicou que o mercado de trabalho segue relativamente equilibrado por diversas métricas e destacou a taxa de desemprego como um dos principais indicadores a serem monitorados - a criação de vagas permanece dentro da faixa considerada saudável e a taxa de desemprego segue estável, em torno de 4,1%.

Esse cenário de preços pressionados nos próximos meses e mercado de trabalho firme, reforça a visão de que o Fed não precisa iniciar um ciclo de cortes de juros no curto prazo. Por fim, Powell declarou que nenhuma decisão foi tomada em relação à reunião de setembro, reforçou o presidente.

Em nossa visão, a autoridade monetária deve aguardar os próximos dados de inflação e os desdobramentos do choque tarifário antes de tomar uma decisão. Mantemos a expectativa de que o primeiro corte só deve ocorrer em dezembro de 2025, a menos que haja uma deterioração mais significativa no mercado de trabalho.

Como tratamos no início do texto, a previsão de corte de juros neste ano, acordos comerciais e bons resultados das empresas, impulsionaram as bolsas norte-americanas, como podemos observar na figura abaixo.

Desempenho S&P500 e Nasdaq



Fonte: Refinitiv / Elaboração: Suno Asset

Brasil

No Brasil, julho também foi marcado por um ambiente de incertezas — tanto no campo fiscal quanto nas relações internacionais —, além da expectativa em torno da condução da política monetária.

A crise envolvendo o aumento do IOF sobre operações de crédito, câmbio e risco sacado gerou forte repercussão no Congresso. A medida havia sido derrubada em junho pelos parlamentares, mas voltou à pauta no mês passado com uma tentativa de conciliação no Supremo Tribunal Federal (STF). Embora sem consenso, o debate resultou posteriormente na validação parcial do decreto por decisão do STF. O restabelecimento da cobrança reforçou a percepção de conflito entre os Poderes e adicionou mais um foco de incerteza a um ambiente fiscal já fragilizado.

Paralelamente, avançou a proposta que retira os precatórios federais do limite de despesas primárias a partir de 2027, prevendo sua reintegração gradual à meta de resultado primário com um mínimo de 10% do estoque por ano. Embora alivie a pressão orçamentária no curto prazo, a medida pode gerar acomodação fiscal e enfraquecer o ímpeto por ajustes mais estruturais.

Esses dois episódios evidenciam o esgotamento das soluções paliativas para o ajuste fiscal e ampliam a probabilidade de revisão da meta para 2026. Também escancaram o desafio de preservar a

Pela figura abaixo, é possível observar que esses produtos beneficiados têm grande peso na pauta exportadora brasileira para os EUA, representando entre 35% e 45%. Com isso, os impactos negativos sobre os setores mais dependentes do mercado norte-americano foram significativamente reduzidos.

Nos bastidores e na imprensa, avalia-se que o Brasil deve concentrar seus esforços diplomáticos na flexibilização das tarifas sobre setores que ficaram fora da lista de exceções, como carne bovina e café. Entre as possíveis contrapartidas estão a redução de barreiras a produtos norte-americanos, maior abertura ao etanol de milho, fornecimento de minerais críticos e aceleração do registro de patentes farmacêuticas. Também se discute o anúncio de até US\$ 7 bilhões em investimentos produtivos de empresas brasileiras nos EUA, como sinal de compromisso bilateral.

Ainda assim, o caso brasileiro apresenta desafios. A questão política e a baixa relevância do Brasil no comércio externo dos EUA dificultam o avanço das negociações e tornam qualquer acordo mais lento e condicionado a concessões diplomáticas.

Em nosso cenário-base, trabalhamos com a possibilidade de novos avanços nas negociações bilaterais entre Brasil e Estados Unidos, sobretudo após a publicação da extensa lista de exceções à tarifa de 50%. A decisão de isentar setores estratégicos sinaliza que há espaço para diálogo e ajustes adicionais.

Do ponto de vista macroeconômico, os impactos tendem a ser limitados, especialmente após as exceções, que contemplam, grandes setores brasileiros. Além disso, as exportações para os EUA representam apenas 2% do PIB brasileiro.

Anteriormente, se estimava que as novas tarifas poderiam provocar uma redução de 0,2 p.p. a 0,3 p.p. sobre o PIB do Brasil. Agora, o efeito deve ser menor, entre 0,1 p.p e 0,15 p.p.

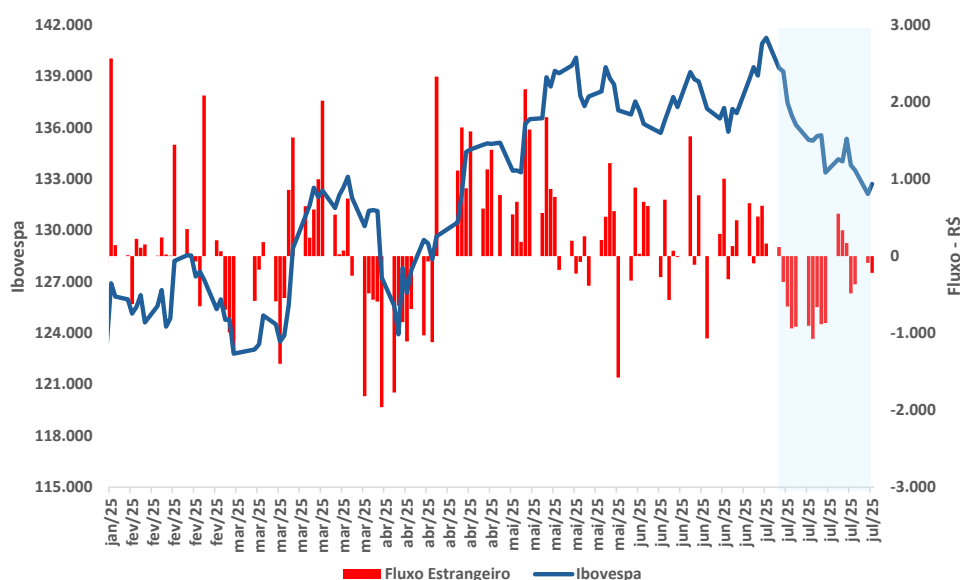
O governo federal sinalizou a intenção de adotar medidas para mitigar os efeitos negativos sobre as empresas. Entre as ações mencionadas estão a possível criação de um fundo emergencial, concessão de crédito subsidiado, incentivos fiscais, redução da jornada de trabalho e a abertura de crédito extraordinário. No entanto, até o momento, não foram divulgados detalhes sobre valores, prazos ou critérios de acesso.

O secretário do Tesouro, Rogério Ceron, afirmou que o plano poderá ser calibrado conforme a abrangência das exceções anunciadas.

Uma resposta direta aos EUA, com aumento das alíquotas sobre produtos importados, é considerada improvável neste momento, pois poderia gerar uma reação ainda mais agressiva dos norte-americanos, elevando os custos de produção e pressionando a inflação.

Toda essa incerteza e falta de previsibilidade tanto na esfera fiscal quanto na política externa, prejudicou a performance da bolsa brasileira. O fluxo estrangeiro que foi importante para impulsionar o mercado, apresentou uma saída em torno de R\$ 6 bilhões em julho – como ilustrado a seguir. Em 2025, o saldo ainda é positivo em mais de R\$ 20 bilhões.

Ibovespa e Fluxo Estrangeiro

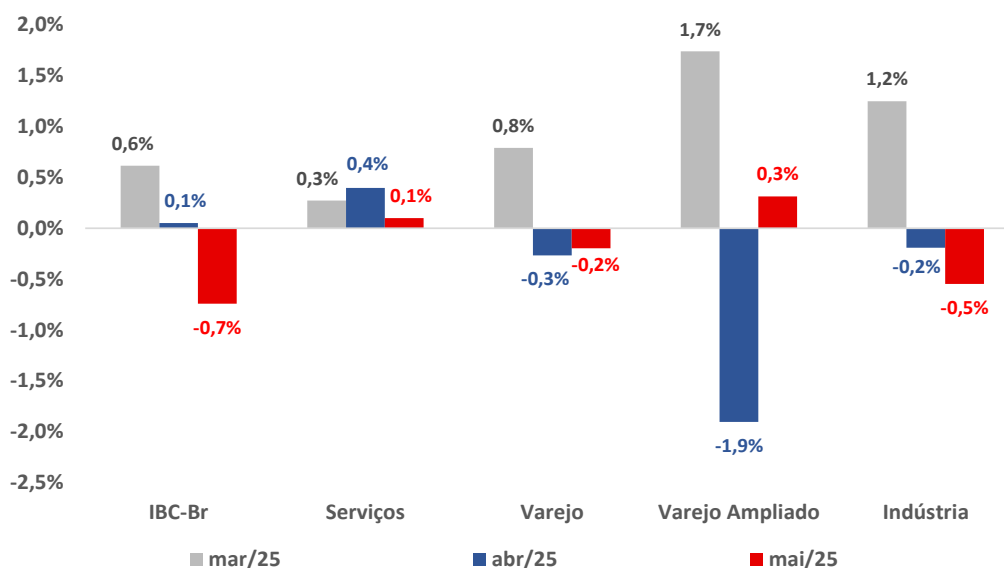


Fonte: B3 / Elaboração: Suno Asset

Por fim, o último grande evento foi a decisão do Copom, que manteve a taxa de juros em 15,0% a.a., conforme o nosso cenário base.

O conjunto de informações indica que o atual nível de juros já tem provocado uma moderação gradual na atividade econômica – vide o gráfico abaixo com quedas mensais em diversos indicadores –, na concessão de crédito e nos preços. Contudo, o mercado de trabalho, que ainda apresenta dinamismo, permanece como uma barreira para uma desaceleração maior da inflação.

Indicadores de Atividade Econômica - Var. Mensal



Fontes: Banco Central / Elaboração: Suno Asset

Embora os dados recentes tenham trazido certo alívio para o Banco Central (BC), o comunicado manteve o tom hawkish (duro) da reunião anterior, sinalizando que a luta contra a inflação ainda não terminou. Na nossa avaliação, a postura do BC foi técnica e apropriada, ao reforçar que a política monetária deve continuar em território significativamente contracionista por um período prolongado, com o objetivo de garantir a convergência da inflação à meta.

Em nossa visão, ao reforçar essa mensagem, o Comitê busca reduzir a percepção do mercado de um possível início do ciclo de cortes ainda este ano.

Alguns pontos de preocupação merecem destaque:

- Em nossos cálculos, o hiato do produto permanece positivo, o que dificulta o trabalho da autoridade monetária. Para os próximos meses, esperamos uma tendência de desaceleração da atividade econômica, refletindo de forma mais intensa os efeitos dos juros elevados, a restrição do crédito e a perda de dinamismo da economia. Na nossa visão, o hiato do produto deve retornar ao campo negativo no quarto trimestre de 2025, tornando-se um fator essencial para o início da discussão sobre cortes de juros em 2026.
- As medidas subjacentes de inflação continuam elevadas, acima do intervalo compatível com o cumprimento da meta. Destacam-se, nesse cenário, os preços de serviços e os núcleos de

inflação. Esse contexto reforça a necessidade de manutenção de uma política monetária contracionista, mesmo com os sinais recentes de desaceleração dos preços.

- As expectativas de inflação apresentaram um leve arrefecimento, mas seguem desancoradas em relação à meta de 3,0%.

Outro ponto que segue no radar da autoridade monetária é o risco fiscal. Com a dissipação dos choques externos, a trajetória de alta da dívida pública tende a voltar ao centro das atenções, podendo impactar a precificação dos ativos financeiros.

As tarifas impostas pelos Estados Unidos ao Brasil e as incertezas sobre acordos comerciais não influenciaram — e não devem influenciar, no curto prazo — a decisão do Copom. Apesar disso, o Banco Central segue acompanhando os desdobramentos do caso.

O ponto central é que o Banco Central atribui maior peso aos indicadores domésticos — como atividade econômica, inflação e expectativas — do que a esse evento específico. No entanto, se no médio prazo houver estresse no câmbio e uma desvalorização que comprometa o processo de convergência da inflação, a autoridade monetária poderá incorporar esse risco ao seu balanço e tomar as medidas necessárias.

Quanto aos próximos passos da política monetária, mantemos a expectativa de que o Comitê mantenha a taxa Selic em 15,0% a.a. na reunião de setembro e no restante de 2025.

Para 2026, projetamos o início do ciclo cortes de juros na reunião de março. Esse movimento dependerá de uma combinação de fatores, como a melhora no cenário inflacionário, maior ancoragem das expectativas — que passarão a refletir com mais peso o ano de 2027 — e sinais mais evidentes de desaceleração da atividade econômica.

Nesse contexto, estimamos um ciclo de cortes gradual, com a Selic encerrando o ano que em 13,0% ao ano. O início das discussões sobre um possível ciclo de cortes de juros pode se tornar um importante gatilho para impulsionar o desempenho da renda variável no país.

A tabela a seguir ilustra os nossos cenários.

Taxa Selic – Projeções (% a.a.)

Copom	Cenário Otimista	Cenário Base	Cenário Pessimista
Probabilidade	30%	50%	20%
jun/25	15,00%	15,00%	15,00%
jul/25	15,00%	15,00%	15,00%
set/25	15,00%	15,00%	15,00%
nov/25	15,00%	15,00%	15,00%
dez/25	14,50%	15,00%	15,00%
jan/26	14,00%	15,00%	15,00%
mar/26	13,50%	14,50%	15,00%
dez/26	12,50%	13,00%	14,00%

Fonte: Banco Central / Elaboração: Suno Asset

Conclusão

O mês de julho escancarou como a falta de clareza, previsibilidade e coordenação nas decisões de política econômica — tanto em âmbito internacional quanto doméstico — minam a confiança dos agentes econômicos. A sucessão de ruídos institucionais, medidas tributárias mal articuladas e tensões comerciais reforçaram um ambiente de desconfiança e retração.

É justamente nesse cenário que a reflexão de Henrique Meirelles ganha peso: A expectativa, afinal, não é um detalhe técnico — é o elo invisível entre decisões e confiança. E confiança é, em última instância, o que sustenta toda economia que quer crescer de forma consistente.

Segue abaixo a tabela das nossas estimativas. Caso necessário, faremos novas revisões das nossas projeções.

Projeções

Cenário Base	2023	2024	2025	2026
PIB (var % a.a. real em volume)	3,2%	3,4%	2,4%	1,8%
IPCA (% a/a, fim de período)	4,62%	4,83%	5,2%	4,5%
Taxa Selic (% a/a, fim de período)	11,75%	12,25%	15,00%	13,00%
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,85	6,19	5,80	6,00
Resultado Primário do Governo Central (% PIB) - meta	-2,3%	-0,1%	-0,25%	-0,3%
Resultado Primário do Governo Central (% PIB)	-2,3%	-0,4%	-0,6%	-0,7%
Dívida Bruta - DBGG (% PIB)	74,3%	76,1%	78,9%	83,0%
Balança comercial (US\$ bilhões)	98,8	74,55	63,7	70,0

Fonte: IBGE, Banco Central e ComexStat / Elaboração: Suno Asset

Gustavo Sung | **Economista-Chefe**

CARTA DO GESTOR

Caro investidor,

Na carta de gestão deste mês, destacamos as recentes atualizações nas medidas de taxaçaõ dos EUA sobre produtos brasileiros. Avaliaremos também os impactos sobre as culturas investidas pelo fundo.

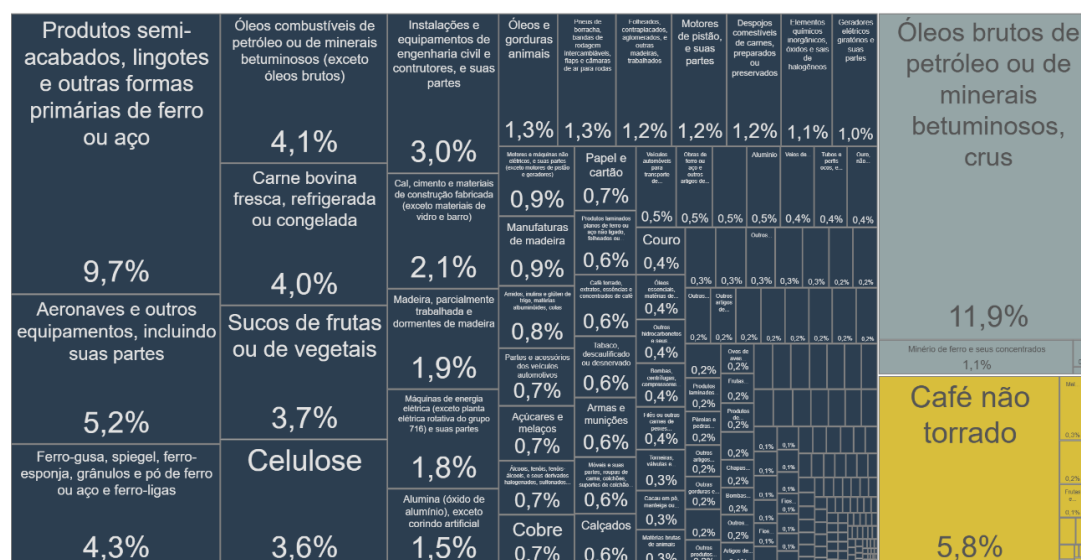
Vale destacar que os Estados Unidos são atualmente nosso terceiro maior parceiro comercial, atrás apenas da China e da União Europeia. Após anúncio de que as importações produtos brasileiros seriam taxados em 50%, o governo brasileiro manteve negociações com Washington, mas sem avanços relevantes. No dia 30/07, Donald Trump assinou decreto elevando as alíquotas de importação, seguido pela publicação de uma lista com 694 exceções — abrangendo setores estratégicos como aeronáutica, suco de laranja, fertilizantes, celulose, energia, veículos e minerais. Para esses produtos, a sobretaxa foi limitada a 10%.

Conforme mostrado na figura abaixo, esses itens com alíquota de 10% respondem a 42,3% das exportações brasileiras aos EUA, o que reduziu de forma relevante o impacto sobre setores mais dependentes do mercado norte-americano.

Produtos do Brasil exportados aos EUA (jan-jun de 2025)

Estados Unidos - - Produtos Exportados

■ Agricultura ■ Indústria Extrativa ■ Indústria de Transformação ■ Outros Produtos



Fonte: MDIC

O novo tarifação entrou em vigor em 06/08, estabelecendo alíquota de 50% para produtos fora da lista de exceções.

Analisando os setores investidor pelo fundo, podemos mensurar o impacto da seguinte forma:

1. Soja e milho

A taxação imposta pelos EUA não gerou impacto direto relevante sobre a exportação de soja e milho do Brasil, já que o mercado americano não é destino significativo desses grãos. A China é, de longe, o maior comprador da soja brasileira, com importações de cerca de 74,7 milhões de toneladas em 2024, equivalentes a US\$ 36,5 bilhões, segundo o TradeMap da OMC.

O verdadeiro risco para o complexo de soja e milho está ligado à guerra comercial entre EUA e China. O governo Trump pressiona Pequim a quadruplicar as compras de grãos americanos. Caso isso se concretize, haverá uma reconfiguração no comércio global, deslocando parte da demanda pela soja brasileira — impacto que pode ser mais severo do que o próprio tarifaço.

2. Leite e Derivados

Diferente da maioria das commodities agrícolas, o Brasil é deficitário na produção de leite e derivados, precisando importar para atender à demanda interna. Entre janeiro e junho de 2025, o país registrou déficit de US\$ 477 milhões na balança comercial do setor, equivalente a 1,042 bilhão de litros de leite, segundo o boletim Indicadores Leite e Derivados (Embrapa, julho/2025).

Diante desse cenário, a nova tarifa de exportação dos EUA tem impacto praticamente nulo sobre o mercado brasileiro de leite e derivados.

3. Café

O café é a cultura mais impactada pela taxação imposta pelos EUA. O país foi o principal destino do grão brasileiro em 2024, absorvendo 16,7% das exportações (7,6 milhões de sacas de 60kg), com valor recorde de US\$ 1,9 bilhão. Minas Gerais concentrou 80,4% desse montante (US\$ 1,5 bilhão).

Diante do cenário de incertezas, há o risco de que o aumento de preços decorrente da taxação reduza o consumo de café nos EUA, provocando queda na demanda e, conseqüentemente, na cotação da

commodity. Caso esse cenário se confirme, esse movimento deve pressionar as margens dos produtores.

Essa medida não afeta apenas os exportadores brasileiros, mas também consumidores e torrefadoras americanas, que dependem do Brasil para a composição de blends. O tema já gera atrito interno nos EUA com empresas norte-americanas pressionando o governo para isentar a importação café.

3.1 **Análise Global do Mercado de Café**

A tarifa de 50% redesenha a competitividade no setor. O Brasil, como líder mundial na produção, se destaca frente a concorrentes como Vietnã e Colômbia. A safra mundial de café 2024-2025 foi estimada em 176,2 milhões de sacas de 60kg. A participação dos três maiores produtores é a seguinte:

País	Produção (MM sacas 60kg)	Participação (%)
Brasil	54,78	31,0
Vietnã	29,1	16,5
Colômbia	12,4	7,0

Fonte: Embrapa

Com a taxaço de 50% sobre o café brasileiro, concorrentes como Vietnã e Colômbia podem ampliar participa  o nos EUA. Importadores americanos, em busca de custos menores, tendem a redirecionar compras, pressionando a atratividade do café brasileiro e potencialmente os preços globais, o que deve promover uma altera  o no rearranjo global de comercio dessa commodity.

Vale destacar que a decisão não se relaciona a prote  o da produ  o doméstica, que    irrelevante em escala. A cafeicultura americana se restringe a nichos de alta qualidade no Havaí e, em menor grau, na Califórnia. Para 2024/25, a produ  o do Havaí deve alcançar 159 mil sacas, apenas 0,06% do consumo americano, frente às 7,6 milhões de sacas importadas do Brasil em 2024 (Fonte: USDA/OIC).

Portanto, a tarifa não busca proteger o produtor local, mas impor um custo político e econ  mico ao Brasil, cujo impacto recai sobre consumidores e a indústria americana de torrefa  o, dependente de importa  es acessíveis.

Por esse motivo há forte pressão de indústrias norte-americanas para reverter essas taxações, inclusive, o secretário de Comércio dos EUA, Howard Lutnick, já sinalizou a possibilidade de o café ser incluído em futuras rodadas de isenção com o Brasil.

4. Outros setores impactados que o fundo não possui exposição

Embora o fundo não tenha exposição direta, vale destacar que outros segmentos do agronegócio brasileiro estão entre os mais atingidos pelas novas tarifas:

Madeira: Segundo a Abimci (Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente), cerca de metade da produção nacional tinha os EUA como destino. Com o tarifaço, empresas já reportam paralisações de fábricas e redução de atividade.

Carnes: os EUA eram o segundo maior mercado da carne bovina brasileira, atrás apenas da China. No primeiro semestre de 2025, os frigoríficos exportaram US\$ 1 bilhão ao mercado americano, cerca de 12% do total das vendas externas. Com a tarifa de 50%, as exportações se tornam economicamente inviáveis. A Abiec (Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes), estima perdas de US\$ 1 bilhão com as novas tarifas

Pescados: O setor era altamente dependente do mercado americano (cerca de 70% das exportações) e ainda com o agravante de não possuir alternativas relevantes devido ao embargo europeu em vigor desde 2017.

Frutas: aproximadamente 7% das vendas externas tinham como destino os EUA, com destaque para a manga do Vale do São Francisco, cuja safra é planejada especialmente para esse mercado. O risco é de excesso de oferta no mercado interno e queda nos preços.

5. Conclusão

As novas tarifas impostas pelos EUA representam um choque relevante para o agronegócio brasileiro, mas seus efeitos variam bastante entre os setores. Culturas com forte dependência do mercado americano, como madeira, carnes, pescados e frutas, enfrentam desafios imediatos. **No entanto, essas cadeias não fazem parte da estratégia de investimento do fundo.**

No caso do café, a situação é desfavorável tanto para exportadores quanto para produtores. Contudo, há possibilidade de revisão das tarifas, já que o próprio secretário de Comércio dos EUA, Howard Lutnick, sinalizou a inclusão do grão em futuras rodadas de isenção com o Brasil.

Para as culturas em que o fundo está exposto — principalmente **soja, milho e leite** — o impacto direto das tarifas é limitado. No caso de soja e milho, o risco central está menos nas sobretaxas americanas e mais na reconfiguração do comércio global, caso a China amplie compras dos EUA em detrimento do Brasil. Já em leite e derivados, o efeito é irrelevante, dado que o país é importador líquido.

Assim, embora o tarifaço represente um movimento de tensão nas relações comerciais e afete parte importante do agronegócio nacional, **a exposição do fundo permanece resiliente e protegida dos setores mais vulneráveis**. O monitoramento seguirá concentrado nas dinâmicas globais de soja e milho, onde mudanças na demanda chinesa podem alterar fluxos de exportação e impactar preços no médio prazo.

Tabela de Sensibilidade

Cotação	Spread (CDI+) Bruto	Spread (-) Tx Adm
R\$ 9,57	4,08%	3,32%
R\$ 9,62	3,98%	3,23%
R\$ 9,67	3,89%	3,13%
R\$ 9,72	3,79%	3,03%
R\$ 9,77	3,69%	2,93%
R\$ 9,82	3,59%	2,84%
R\$ 9,87	3,50%	2,74%
R\$ 9,92	3,40%	2,64%
R\$ 9,97	3,30%	2,54%
R\$ 10,02	3,20%	2,45%
R\$ 10,07	3,11%	2,35%
R\$ 10,12	3,01%	2,25%
R\$ 10,17	2,91%	2,15%
R\$ 10,22	2,81%	2,06%
R\$ 10,27	2,71%	1,96%
R\$ 10,32	2,62%	1,86%
R\$ 10,37	2,52%	1,76%
R\$ 10,42	2,42%	1,66%
R\$ 10,47	2,32%	1,57%
R\$ 10,52	2,23%	1,47%

* Cota a mercado (31/07)

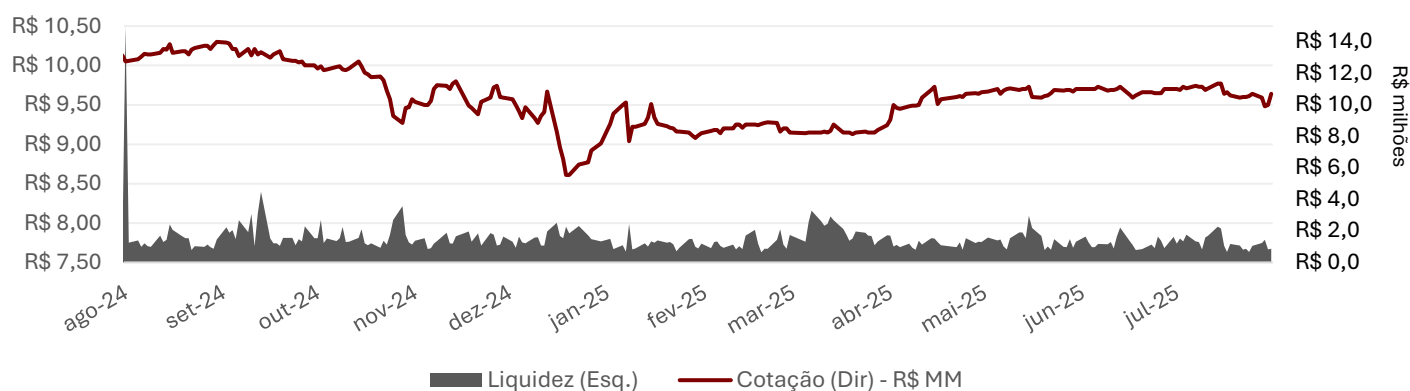
Cota a Mercado: 

Cota Patrimonial: 

Equipe de Gestão, **SUNO ASSET**

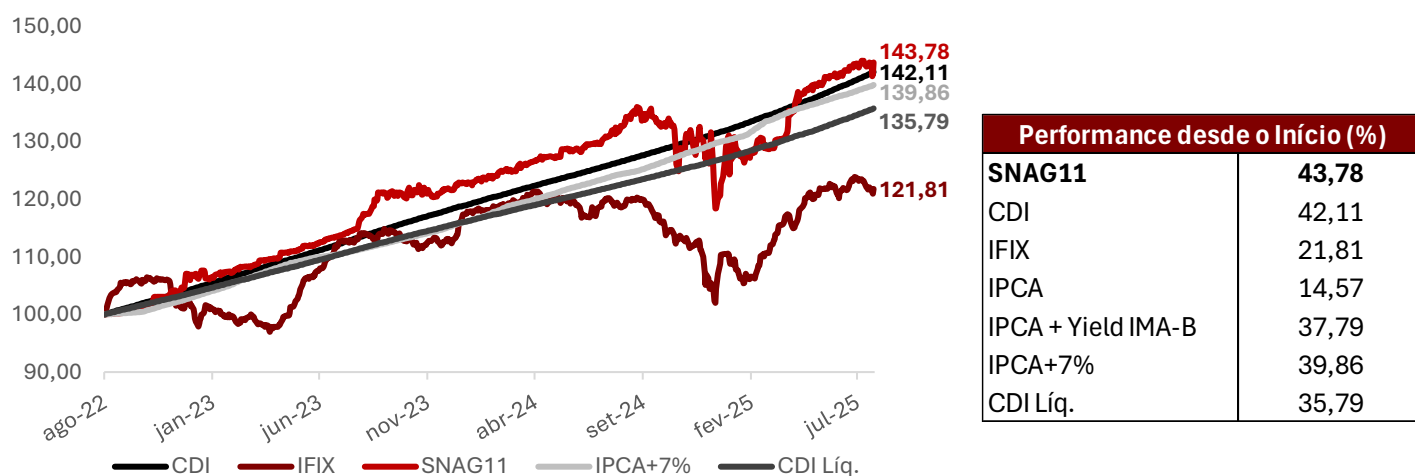
PERFORMANCE/DESEMPENHO

Cotação e Liquidez



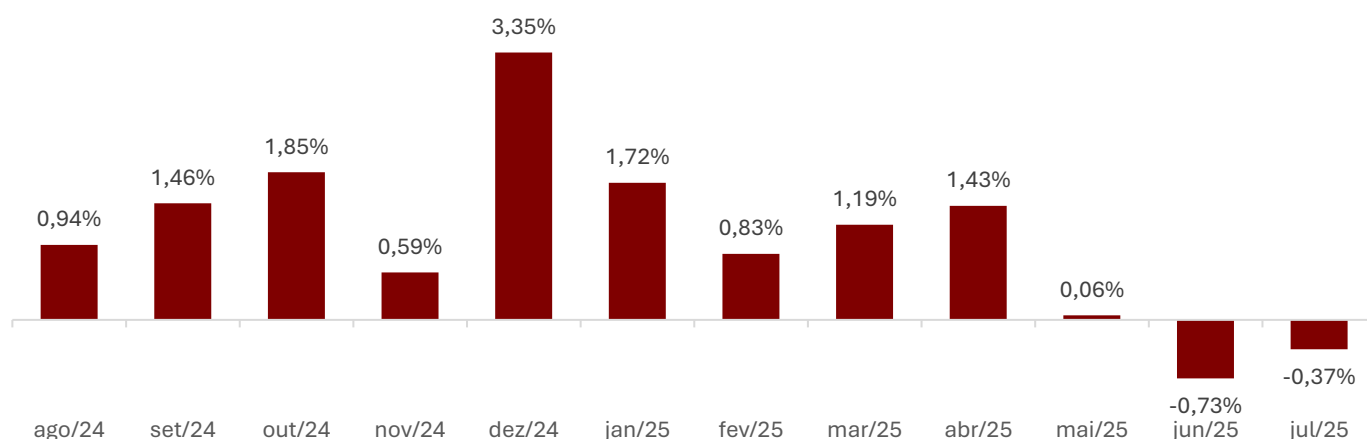
Fonte: Quantum | Elaboração: Suno Asset.

Performance SNAG x Indexadores



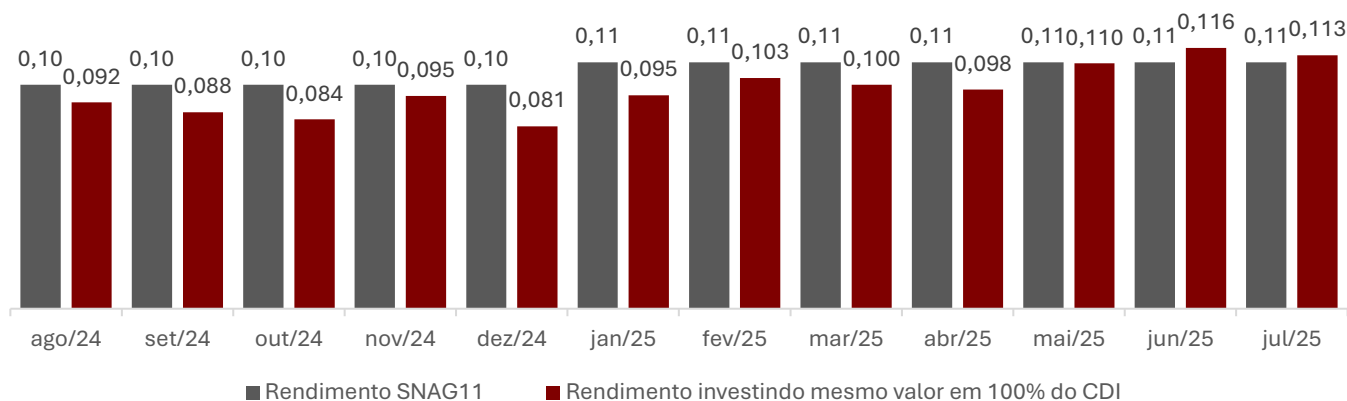
Fonte: Quantum | Elaboração: Suno Asset

Rendimento SNAG11 em função do CDI+*



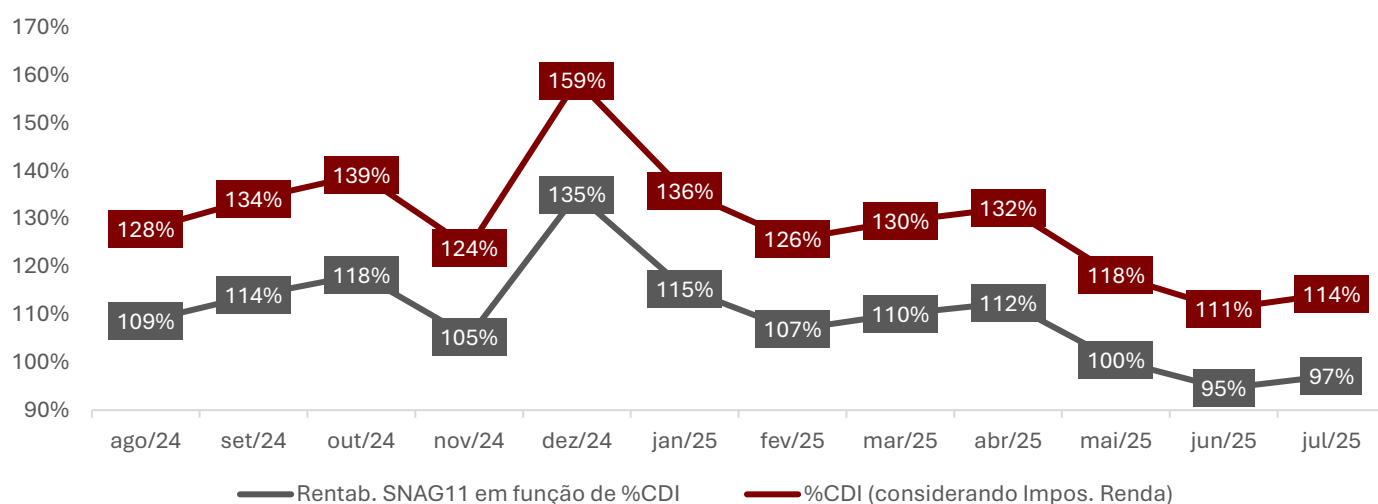
*Distribuição versus CDI acumulado do mês anterior

Histórico de Rentabilidade SNAG11 x CDI*



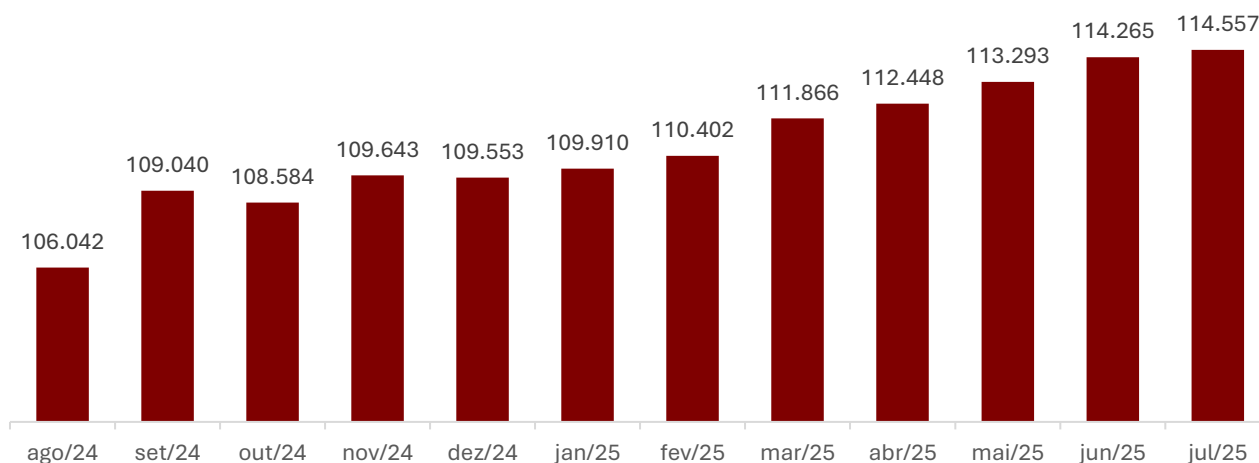
Elaboração: Suno Asset.

Rendimento SNAG11 em função de % CDI*



Elaboração: Suno Asset

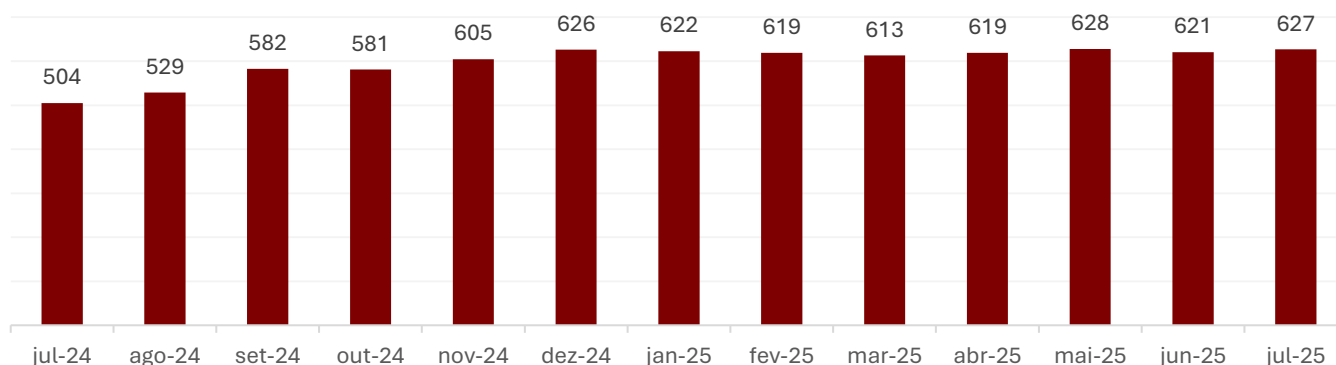
Número de Cotistas



*Distribuição versus CDI acumulado do mês anterior

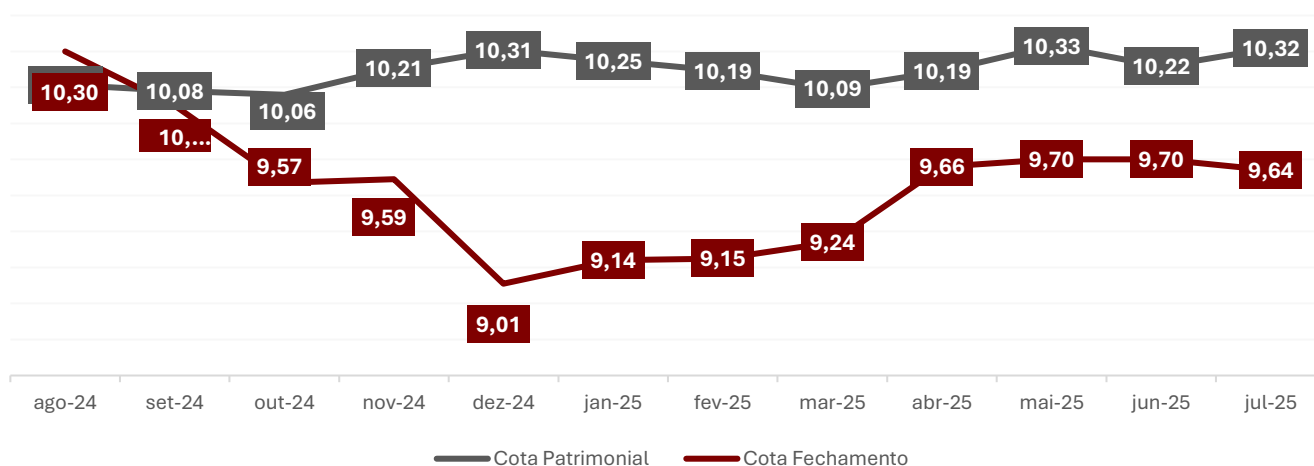
Elaboração: Suno Asset.

Patrimônio Líquido



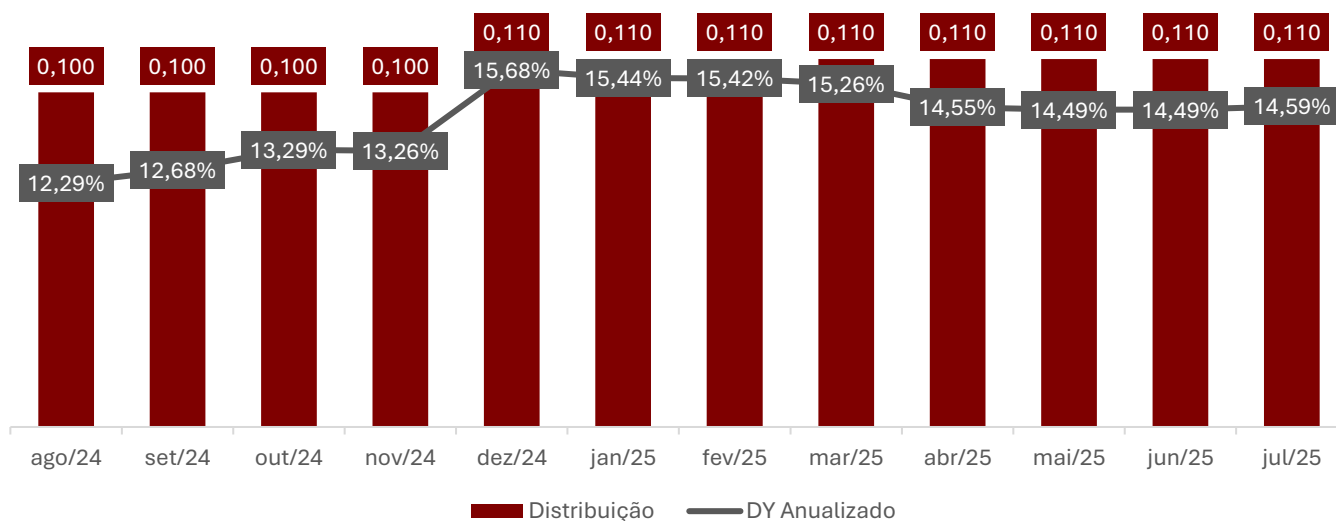
Elaboração: Suno Asset.

Cota Patrimonial x Cota Mercado (em R\$)



Elaboração: Suno Asset.

Distribuição e DY Anualizado (%)



Elaboração: Suno Asset

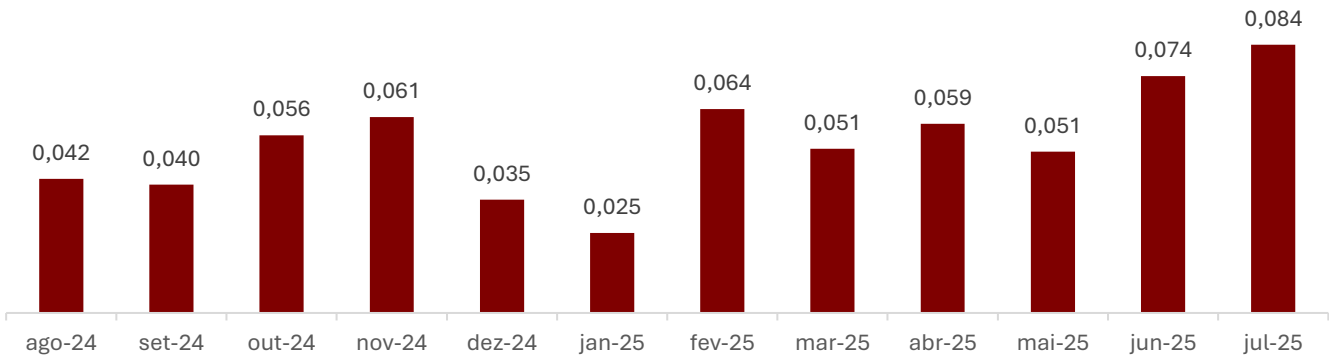
RESULTADO

MÊS	MAI-25	JUN-25	JUL-25	LTM	2025
1. RECEITA DISTRIBUÍVEL	R\$ 6.712.317,19	R\$ 8.739.870,05	R\$ 7.741.171,22	R\$ 85.110.125,38	R\$ 53.425.750,06
1.a. Juros (CRA)	R\$ 6.638.151,22	R\$ 7.854.139,42	R\$ 7.118.468,60	R\$ 76.691.844,56	R\$ 49.862.053,05
1.b. Correção Monetária (CRA)	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
1.c. Renda Fiagros	R\$ 57.434,78	R\$ 57.434,78	R\$ 115.552,90	R\$ 643.721,70	R\$ 444.736,72
1.d. Renda Aluguéis	R\$ 0,00	R\$ 776.032,12	R\$ 408.861,21	R\$ 4.677.037,88	R\$ 2.736.957,57
1.e. Aplicação Caixa	R\$ 41.302,48	R\$ 62.577,01	R\$ 91.347,50	R\$ 1.148.876,07	R\$ 408.824,69
1.f. Movimentação de Ativos	-R\$ 24.571,29	-R\$ 10.313,28	R\$ 6.941,01	R\$ 1.948.645,17	-R\$ 26.821,97
2. DESPESAS	-R\$ 561.278,22	-R\$ 622.035,75	-R\$ 466.560,96	-R\$ 6.045.300,77	-R\$ 3.709.354,77
2.a. Despesas do Fundo	-R\$ 455.940,83	-R\$ 481.215,55	-R\$ 458.811,96	-R\$ 5.451.309,28	-R\$ 3.263.739,11
2.b. Despesas não recorrentes	-R\$ 105.337,39	-R\$ 140.820,20	-R\$ 7.749,00	-R\$ 593.991,49	-R\$ 445.615,66
3. RESERVA DE LUCROS	R\$ 3.599.446,28	R\$ 3.069.046,42	R\$ 4.505.441,88	N/A	N/A
4. (=) RESULTADO FINAL	R\$ 9.750.485,25	R\$ 11.186.880,71	R\$ 11.780.052,15	N/A	N/A
4.a. Resultado Não Distribuído	R\$ 3.069.046,42	R\$ 4.505.441,88	R\$ 5.098.613,32	N/A	N/A
5. (=) RENDIMENTO DISTRIBUÍDO	R\$ 6.681.438,83	R\$ 6.681.438,83	R\$ 6.681.438,83	R\$ 75.022.373,75	R\$ 46.770.071,81
5.a. Distribuição – SNAG11	R\$ 6.681.438,83	R\$ 6.681.438,83	R\$ 6.681.438,83	R\$ 75.022.373,75	R\$ 46.770.071,81
5.b. Rendimento/Cota (R\$/ cota) – SNAG11	R\$ 0,11	R\$ 0,11	R\$ 0,11	R\$ 1,28	R\$ 0,77

*Considera-se como resultado final a soma das linhas (1) “Receitas”, (2) “Despesas” e (3) “Reserva de Lucros”.

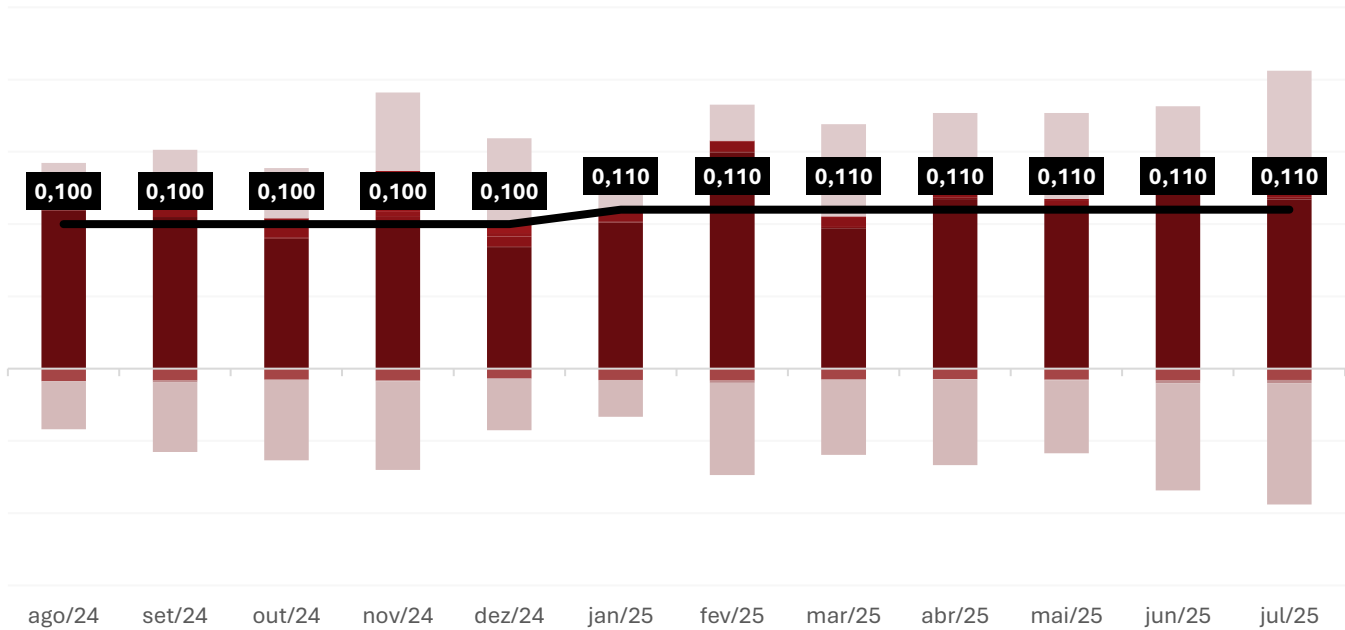
Fonte: Singulare | Elaboração: Suno Asset.

Lucro Acumulado (R\$/Cota)



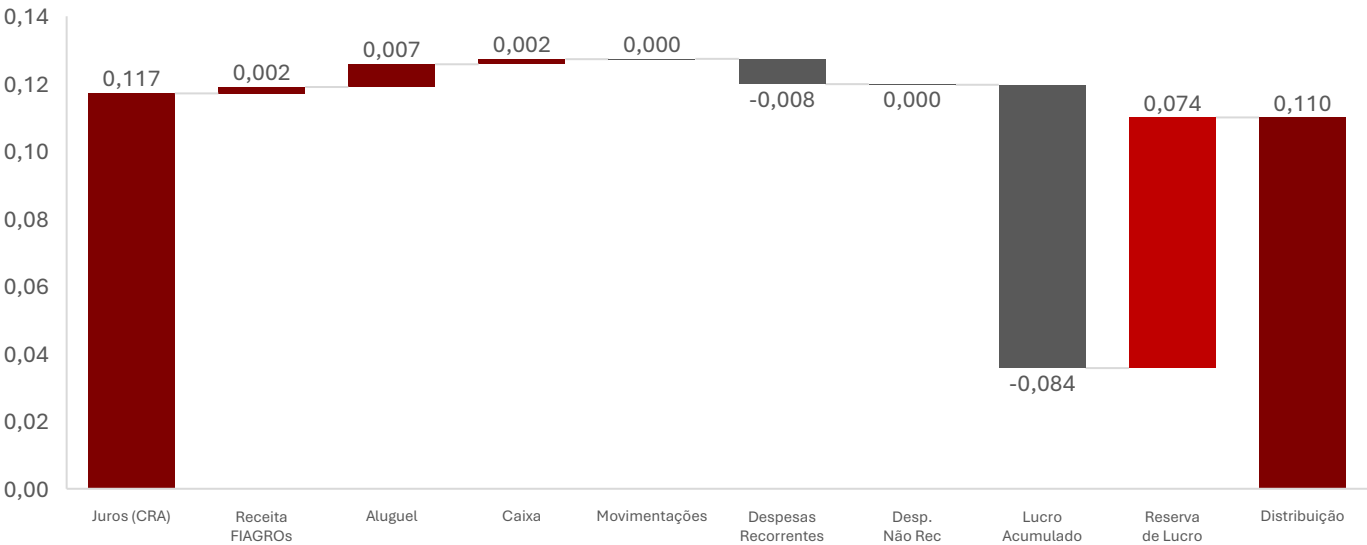
Elaboração: Suno Asset.

Resultado SNAG11



Elaboração: Suno Asset.

Resultado Mensal Detalhado (R\$/cota)



Elaboração: Suno Asset.

ALOCAÇÕES E MOVIMENTAÇÕES

R\$ 626,699 MM

Patrimônio Líquido do Fundo

264

Número de devedores na carteira

9,4% | R\$ 50,27 MM

Yield médio em IPCA + Posição Financeira

CDI + 3,68% | 5,01 | R\$ 535,13MM

CRAs a CDI + Duration + Posição Financeira

R\$ 12,299 MM (1,96% do PL)

Caixa no Fechamento

17,59%

Yield médio ponderado All In dos CRAs

9,4% + Variação Positiva IPCA

Cap Rate dos imóveis

Julho

Mês de reajuste dos aluguéis

CARTEIRA DE CRÉDITO

Identificação	Perfil de risco	Código IF	Setor	Rating	Index	Yield	Duration (anos)	Vol SNAG	% PL	LTV	Recorrência
CRA PULVERIZADO BOA SAFRA	Pulverizado	CRA02200815	Revendas e Produtores	A2	CDI	3,00%	5,98	R\$ 337,56	54,39%	N/A	Mensal
CRA RUIZ COFFEES	Corporativo	CRA02300O2P	Café	A1	CDI	4,50%	3,97	R\$ 53,76	8,66%	50%	Mensal
CRA LEITÍSSIMO	Corporativo	CRA0240093W	Laticínios	A2	CDI	5,00%	2,71	R\$ 41,25	6,65%	45%	Mensal
CRA LEITÍSSIMO 2	Corporativo	CRA0240093W	Laticínios	A2	CDI	4,00%	3,25	R\$ 15,08	2,43%	45%	Mensal

CRA SHULL	Corporativo	CRA0240086M	Híbridos	A3	CDI	3,52%	2,42	R\$ 33,44	5,39%	N/A	Semestral
CRA CULTURA	Pulverizado	CRA02400ASY	Revendas e Produtores	A2	CDI	5,50%	3,54	R\$ 54,05	8,71%	N/A	Mensal
BIG TRADE FIDC SÊNIOR	FIDC	N/A	Café	A3	CDI	4,00%	N/A	R\$ 3,57	0,58%	N/A	Mensal
BIG TRADE FIDC MEZA	FIDC	N/A	Café	A3	CDI	7,50%	N/A	R\$ 10,15	1,64%	N/A	Mensal
COMPROMISSADAS	Compromissada	N/A	N/A	N/A	CDI	0,35%	N/A	R\$ 11,95	1,92%	N/A	Mensal

IMÓVEIS

Identificação	Devedor	Setor	Rating	Index	Yield	Vencimento	Vol SNAG	% PL	Garantias	Recorrência
IMÓVEL RURAL SORRISO	Boa Safra Sementes S/A	Fornecedor/Soja	A3	IPCA	9,4%	10 anos	R\$ 38,15	6,15%	Arrendamento Típico	Mensal
IMÓVEL RURAL PRIMAVERA	Boa Safra Sementes S/A	Fornecedor/Soja	A3	IPCA	9,4%	10 anos	R\$ 12,12	1,95%	Arrendamento Típico	Mensal

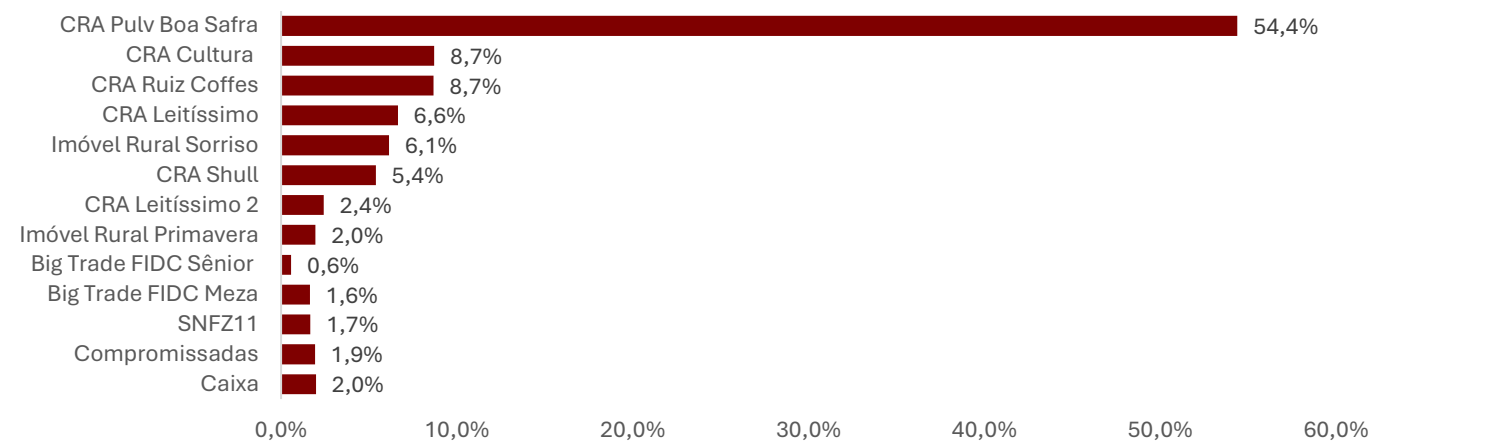
FIAGROS

Identificação	CNPJ	Setor	Qtde. Cotas	Cotação	DY (%)	P/VP	Vol SNAG	% PL	% de Caixa	Preço Médio de Aquisição
SNFZ11	53.313.475/0001-02	Híbrido	1.060.083	R\$ 9,75	12,25%	0,99	R\$ 10,34	1,65%	0,03%	R\$ 9,78

Elaboração: Suno Asset.

ALOCAÇÕES

Alocação por Ativo (% PL)



Elaboração: Suno Asset

Exposição por Tipo de Ativo (% PL)



Exposição por Lastro/Garantias (% PL)



Exposição por Indexador (% PL)



Exposição por Rating (% PL)



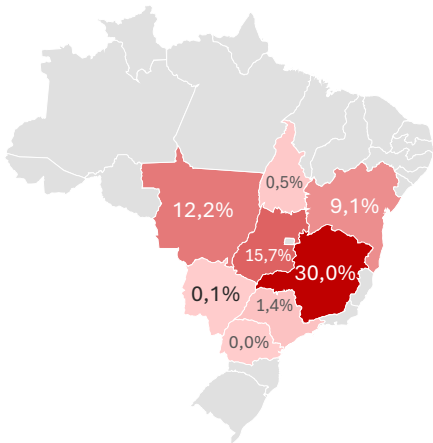
Exposição por Setor (% do PL)



Exposição por Cadeias Produtivas (% PL)



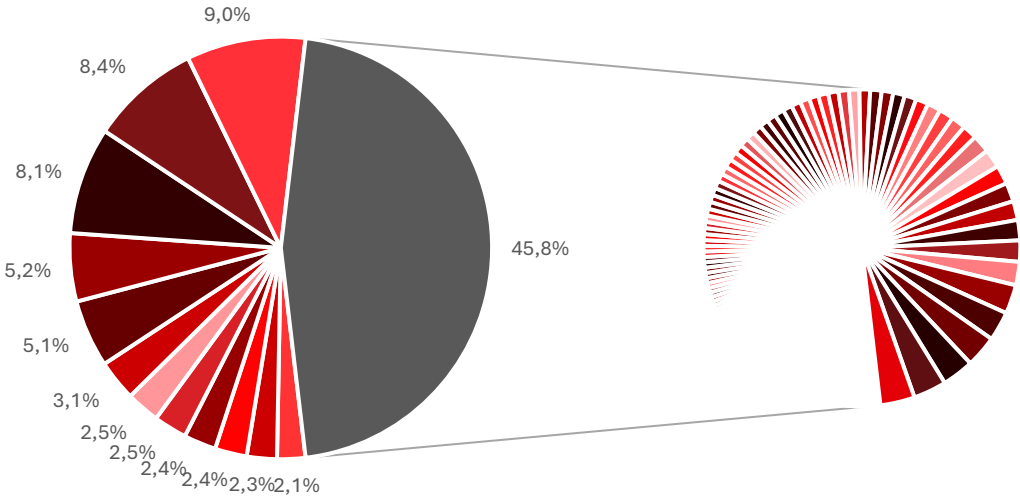
Exposição por UF (% PL)



Powered by Bing
© Microsoft, OpenStreetMap

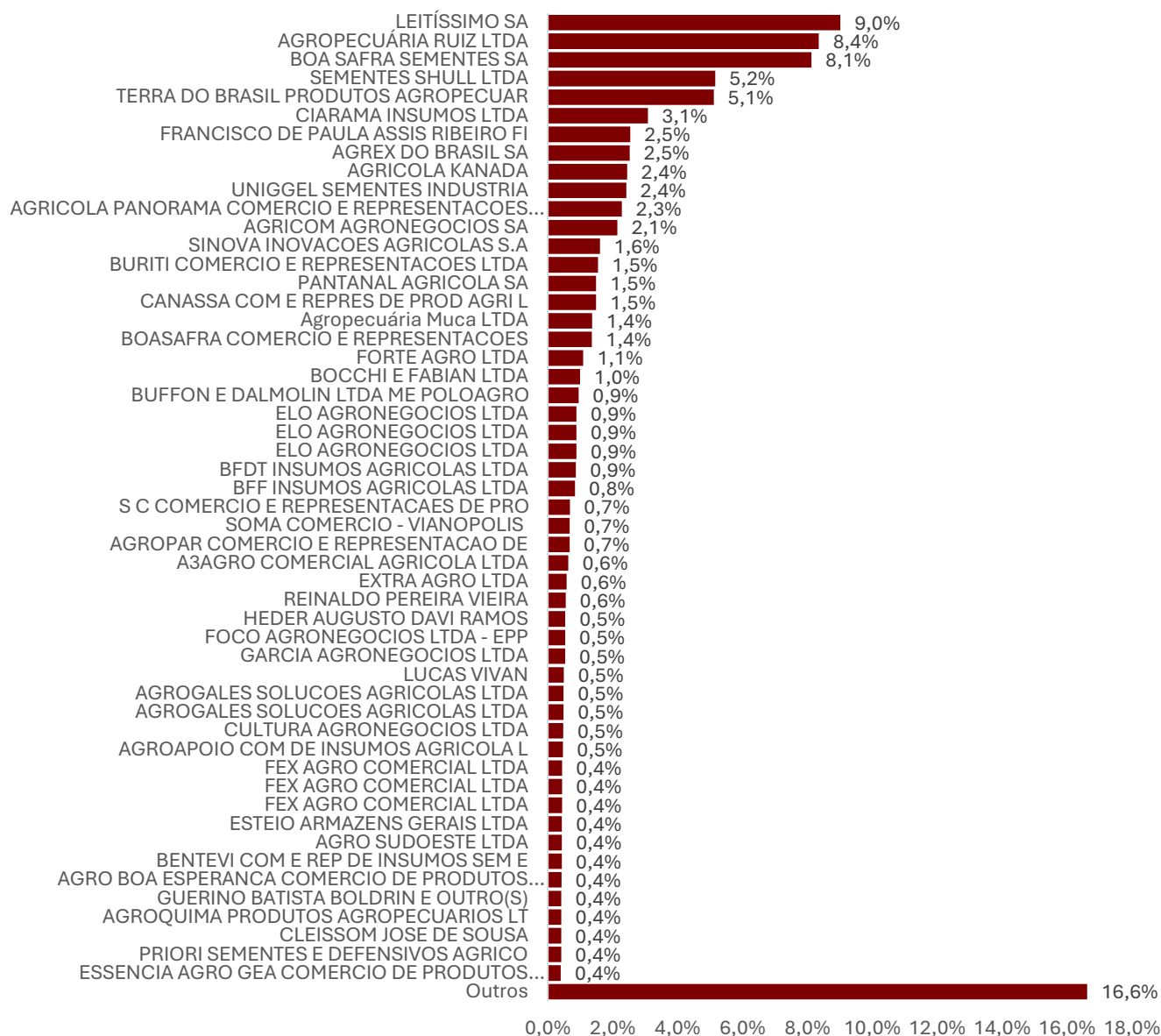
Elaboração: Suno Asset | Obs: o somatório dos gráficos não será necessariamente 100%, uma vez que Caixa e compromissadas não são considerados devedores do fundo.

Concentração por Devedor (% PL)



Média de 0,34% por devedor

Devedores (% do PL)



AVALIAÇÃO DE RISCO DE CRÉDITO

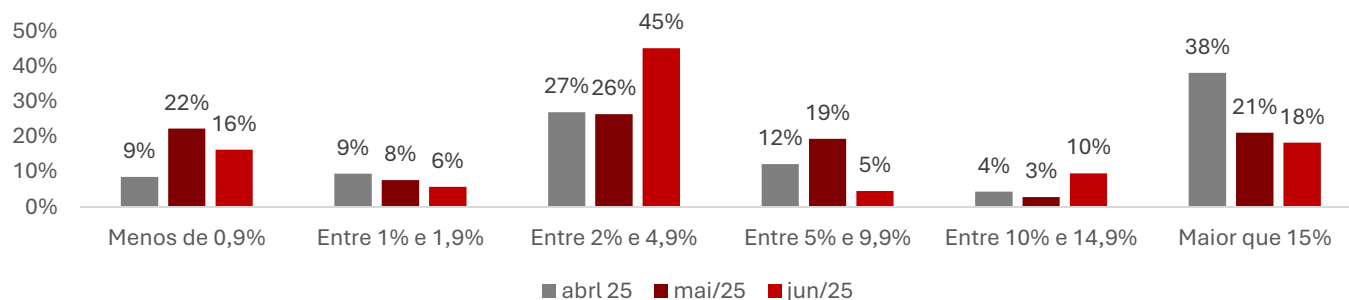
A Suno Asset tem o compromisso e o dever de proporcionar total transparência a seus cotistas com relação aos riscos envolvidos em seus fundos, não sendo diferente na operação do Fiagro SNAG11. Diante disso, a Suno Asset compôs este relatório, utilizando os Scores da Serasa Experian para a melhor descrição dos riscos de crédito relativos aos recebíveis securitizados do SNAG11.

O Agro Score PF da Serasa Experian é um modelo estatístico que estima o risco de inadimplência de produtores rurais pessoa física para atrasos de pelo menos 90 dias em um horizonte de 12 meses após a análise. Diferente de outros Scores de pessoa física, o Agro Score PF foi desenvolvido apenas com uma população relacionada ao ambiente rural, seja por ter obtido financiamento rural ou agroindustrial no Cadastro Positivo dos Bancos ou por possuir cadastro de propriedades rurais. A inadimplência é analisada levando em conta apenas o comportamento de pagamento em relação a setores que financiam ou impactam diretamente a produção agropecuária como bancos, cooperativas de crédito e cadeia do agronegócio (indústria de produção, revendedores de insumos ou de máquinas agrícolas, agroindústria de transformação, comércio atacadista de produtos agropecuários, serviços de apoio à agropecuária) além de outros serviços essenciais para o segmento como transporte e logística, armazéns e seguros não-vida.

Já o Agro Score PJ é um modelo estatístico que estima o risco de inadimplência, num horizonte de 18 meses, de empresas da cadeia do agronegócio, incluindo produtores rurais, para atrasos que atingem pelo menos 180 dias. Diferente de outros Scores de pessoa jurídica, o Agro Score PJ foi desenvolvido apenas com empresas que possuem códigos de atividade econômica da cadeia do agronegócio, possibilitando que o modelo faça previsões incorporando as informações do maior ecossistema de big data da América Latina de diferentes formas para cada um dos segmentos do agronegócio.

Com base nisso, apresentamos ao lado a análise de probabilidade de inadimplência atualizada da carteira do SNAG11, incluindo todos os devedores presentes no portfólio do fundo.

Probabilidade Média de Inadimplência por Devedor (% do PL) - AgroScore



Fonte: Serasa Experian | Elaboração: Suno Asset

ASSEMBLEIAS E COMUNICADOS DOS ATIVOS

Ativo	Data	Ordem do dia	Deliberação
CRA Cultura	07/07/2025	Deliberação sobre (i) alteração dos anexos do Contrato de Aquisição e Endosso e do Termo de Securitização para refletir a aquisição de novos direitos creditórios; (ii) alteração da cláusula que define a Data de Verificação de Performance, que passará a ocorrer no 3º e 13º dia útil de cada mês; e (iii) autorização para que o Agente Fiduciário e a Securitizadora adotem todas as medidas e assinem os documentos necessários à implementação dessas deliberações	Favorável as ordens do dia

DETALHAMENTO DOS ATIVOS

CRA BOA SAFRA



Ticker: CRA02200815

Setor: Sementes

Remuneração: CDI + 3,00%

Lastro: CPR & CVVs

Vencimento: Mai/42

% PL SNAG11: 54,7%

Descrição da Operação

Os recursos desse CRA são destinados aos produtores parceiros do grupo Boa Safra. O lastro do CRA pertence à carteira de clientes da empresa, que são produtores que utilizam as sementes de alta qualidade de soja e atuam há anos com a Boa Safra, sendo parceiros de negócios. A Avaliação de Crédito Independente atua mensurando exatamente o risco individual dos produtores que compõem o CRA.

Informações do CRA	2025
Nº de Devedores	88
Coobrigação Boa Safra	10% do SD do CRA
Data de Emissão	Mai/22
% Inadimplência	0,0%
Perfil de Devedor	Pulverizado

CRA Ruizz Coffeess



Ticker: CRA0230002P

Setor: Café

Remuneração: CDI + 4,50%

Garantias: AF, CF e Aval

Vencimento: Out/33

% PL SNAG11: 7,9%

Descrição da Operação

A Ruizz Coffees Brasil se destaca como uma das principais produtoras globais de café especiais, conquistando reconhecimento internacional por meio de um meticuloso processo de asseguramento de qualidade, que abrange desde o cultivo e colheita, até a criteriosa seleção dos melhores grãos, culminando na fase de torrefação. Todo esse processo é conduzido nas propriedades rurais próprias da empresa.

Informações do CRA	2025
Estado (UF)	Minas Gerais (MG)
LTV	50%
Data de Emissão	Out/23
Rating Interno	A1
Perfil de Devedor	Corporativo/Produtor

CRA Leitíssimo I


Ticker: CRA02300K2A

Sector: Laticínios

Remuneração: CDI + 5,00%

Garantias: AF de Terras

Vencimento: Set/29

% PL SNAG11: 6,7%

Descrição da Operação

A Leitíssimo é uma empresa brasileira que fabrica e vende leite longa vida do tipo UHT e outros derivados do leite. A empresa foi fundada em 2001, e tem sede em Jaborandi, na Bahia, onde fica a Fábrica Leite Verde, local em que é produzido o leite comercializado pela Leitíssimo.

Informações do CRA	2025
Estado (UF)	Bahia (BA)
LTV	45%
Data de Emissão	Set/23
Rating Interno	A2
Perfil de Devedor	Corporativo

CRA Leitíssimo II


Ticker: CRA0240093W

Sector: Laticínios

Remuneração: CDI + 4,00%

Garantias: AF de Terras, AF de Animais e Aval

Vencimento: Set/30

% PL SNAG11: 2,4%

Descrição da Operação

A Leitíssimo é uma empresa brasileira que fabrica e vende leite longa vida do tipo UHT e outros derivados do leite. A empresa foi fundada em 2001, e tem sede em Jaborandi, na Bahia, onde fica a Fábrica Leite Verde, local em que é produzido o leite comercializado pela Leitíssimo.

Informações do CRA	2025
Estado (UF)	Bahia (BA)
LTV	55%
Data de Emissão	Set/24
Rating Interno	A2
Perfil de Devedor	Corporativo

CRA Shull



Ticker: CRA0240086M

Setor: Híbridos

Remuneração: CDI + 3,52%

Garantias: AF, CF e Aval

Vencimento: Set/28

% PL SNAG11: 5,2%

Descrição da Operação

A Shull Sementes LTDA. É uma empresa 100% brasileira, que produz híbridos de milho e sorgo para produtores de todo o país. Seu produto possui uma tecnologia embutida de alto valor, que atua diretamente no incremento da produtividade, resistência e qualidade das sementes. A empresa busca atender diretamente uma demanda reprimida de um nicho de mercado que é concentrado por grandes players, e a partir de forte know-how técnico e comercial dos sócios, atender aos mais diversos clientes.

Informações do CRA	2025
Estado (UF)	Diversos
Recorrência de Juros	Semestral
Data de Emissão	Set/24
Rating Interno	A3
Perfil de Devedor	Corporativo

CRA CULTURA



Ticker: CRA02400ASY

Setor: Revendas e Produtores

Remuneração: CDI + 5,50%

Garantias: CF e Seguro de Crédito

Vencimento: nov/29

% PL SNAG11: 9,0%

Descrição da Operação

CRA pulverizado que tem como objetivo financiar os clientes da Cultura Agromais, distribuidora de insumos que está no mercado a 19 anos, atendendo principalmente produtores de soja, milho e café no triângulo mineiro e sudoeste de Minas Gerais. A carteira de recebíveis da Cultura é auditada pela KPMG e possui histórico saudável de adimplência. Além disso, o CRA conta com seguro de crédito para todos os sacados pela AVLA Seguros, presente em diversos países da América do Sul e EUA.

Informações do CRA	2025
Estado (UF)	Minas Gerais
Nº de Devedores	156
Data de Emissão	Nov/24
Seguradora	AVLA Seguros
Perfil de Devedor	Pulverizado

FIDC BIGTRADE CAFÉ11


CAFÉ11
 [B]³ LISTED

Ticker: CAFÉ11

Setor: CAFÉ11

Remuneração: CDI + 4,85%

Subordinação: 33%

Vencimento: N/A

% PL SNAG11: 3,2%

Descrição da Operação

FIDC gerido pela Suno Asset com parceria com a Big Trade. Seu principal objetivo é investir em CPRs de produtores de café. A Big Trade, uma fintech agrícola, utiliza inteligência artificial para ampliar o crédito para produtores rurais, buscando mitigar o risco dos investidores por meio da análise de dados relacionados aos produtores e às propriedades. É importante notar que o SNAG11, devido a questões regulatórias, não pode investir diretamente em CPRs, então a utilização do FIDC é necessária.

Informações do FIDC	2023
Estado (UF)	Minas Gerais
Nº de Devedores	43
Remuneração Sênior	CDI + 4,00%
Remuneração Mezanino	CDI + 7,5%
Perfil de Devedor	Produtores de Café

SNFZ11


Ticker: CRA02300K2A

Setor: Terras

DY (%): 7,5%

P/VP: 1,00

Preço Médio: R\$ 9,85

% PL SNAG11: 1,4%

Descrição da Operação

O SNFZ11 foi criado com o objetivo de investir na cadeia produtiva do agronegócio brasileiro, priorizando o ganho de capital através da valorização de fazendas e geração de renda por operações de arrendamento e crédito. O fundo atualmente conta com um ativo real descontado, e conta com um CRA elaborado para financiar a irrigação da Fazenda Coliseu, localizada em região privilegiada e com potencial de infraestrutura.

Informações do Fundo	Jan/25
Ativos	2
Preço da Cota	R\$ 9,88
PL	R\$ 61,9 MM
Localização da Fazenda	Gaúcha do Norte/MT
Operadora da Fazenda	Jequitibá Agro

IMÓVEL RURAL PRIMAVERA



Uso: UBS

Operação: Arrendamento Típico

Valor do Imóvel: R\$ 12,12 MM

Devedor Arrendamento: Boa Safra

% PL SNAG11: 1,9%

Descrição da Operação

Aluguel de unidade de beneficiamento de sementes. Um imóvel rural com localização privilegiada na Rodovia MT-130, próximo à FS Bioenergia, ligando as cidades de Primavera do Leste (MT) a Paranatinga (MT), conhecidas por serem referências agrícolas no sudeste do estado.



IMÓVEL SORRISO



Uso: CD

Operação: Arrendamento Típico

Valor do Imóvel: R\$ 38,15 MM

Devedor: Boa Safra

Prazo Contrato: 10 anos

% PL SNAG11: 6,7%

Descrição da Operação

Aluguel do Centro de Distribuição em Sorriso (MT). Fazenda localizada às margens da BR-163 em Sorriso (MT), rodovia que liga Cuiabá (MT), Sorriso (MT) e Sinop (MT) aos portos de Itaituba (PA) e de Santarém (PA), considerado um ponto estratégico de escoamento de grãos para o exterior e principais portos da região.



CONHEÇA TODOS OS NOSSOS FUNDOS DE INVESTIMENTO



FI-Infra da Suno Asset. Devido à sua importância para o desenvolvimento do país, esta classe possui isenção completa de IR nos rendimentos e no ganho de capital.



Fundo de Fundos que investe em mais de 30 outros FIs da bolsa e em centenas de ativos imobiliários por todo o país. Uma maneira descomplicada de aplicar no setor.



Fundo de Papel de risco moderado. Sua principal característica é entregar retornos consistentes aos cotistas, com rendimentos comparados a fundos de alto risco.



Primeiro FII de Energias Limpas da bolsa brasileira. Atualmente está em período de *lock-up* de cotas. A previsão da liberação de negociação é para dezembro de 2023.



Fundo Imobiliário de Tijolo que está em processo de reestruturação. Em seu portfólio há imóveis alugados para empresas como Ambev, Ceratti, Itambé e Volkswagen.



Fundo de Investimento em Ações que utiliza como referência as carteiras recomendadas da Suno Research. Exposição em ativos de Valor, Dividendos, Small Caps e Internacional.



Fundo de Previdência Privada que investe em ações, com exposição muito similar ao SUNO FIC FIA. Conta com os benefícios tributários de uma Previdência, investindo em ações.



Fundo de Investimento em Ações, com exposição em ações globais listadas no Brasil ou nas bolsas dos EUA. Investe nas maiores empresas do mundo.



FII Multiestratégia da Suno Asset. Fundo com locação multidimensional, o que elimina o esforço do cotista. Uma forma de buscar a simplificação máxima da estratégia imobiliária.

LIVE MENSAL

Acesse o formulário e envie suas dúvidas a respeito do nosso fundo para serem respondidas em *lives* mensais no canal da Suno Asset no Youtube.

Enviar dúvidas



Não deixe de nos acompanhar nas redes sociais!





Aviso/Disclaimer:

“Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. É recomendada a leitura cuidadosa do prospecto e do regulamento do fundo de investimento pelo investidor ao aplicar seus recursos. Os investidores devem estar preparados para aceitar os riscos inerentes aos diversos mercados em que os fundos de investimento atuam e, conseqüentemente, possíveis variações no patrimônio investido. O Administrador não se responsabiliza por erros ou omissões neste material, bem como pelo uso das informações nele contidas. Adicionalmente, o Administrador não se responsabiliza por decisões dos investidores acerca do tema contido neste material nem por ato ou fato de profissionais e especialistas por ele consultados.

Este material não tem relação com objetivos específicos de investimentos, situação financeira ou necessidade particular de qualquer destinatário específico, não devendo servir como única fonte de informações no processo decisório do investidor, que, antes de decidir, deverá realizar, preferencialmente com a ajuda de um profissional devidamente qualificado, uma avaliação minuciosa do produto e respectivos riscos face a seus objetivos pessoais e a sua tolerância ao risco (Suitability).

A Suno Gestora de Recursos Ltda. (“Suno Asset”) é gestora do(s) fundo(s) objeto(s) deste material e pertence ao grupo empresarial Suno (“Grupo Suno”), o qual contempla também as empresas Suno Research, Suno Índices e Suno Consultoria. As empresas, ainda que parte do Grupo Suno, possuem estruturas segregadas e autônomas.”